



Artigo

DOI: <http://dx.doi.org/10.22483/2177-5796.2025v27id5443>

REGISTROS DAS LÍNGUAS INDÍGENAS DE SINAIS DOS INDÍGENAS SURDOS DAS ALDEIAS OLHO D'ÁGUA, BARREIRINHO E ÁGUA AZUL DA TERRA INDÍGENA BURITI EM MATO GROSSO DO SUL¹

Records of Indigenous sign Languages of deaf Indigenous people from the villages Olho D'Água, Barreirinho and Água Azul of the Buriti indigenous land in Mato Grosso do Sul

Registros de Lenguas de Señas Indígenas de indígenas sordos de las aldeas Olho D'Água, Barreirinho y Água Azul de la tierra indígena Buriti en Mato Grosso do Sul

Bruno Roberto Nantes Araujo², Heitor Queiroz de Medeiros³

Resumo: O presente artigo tem por objetivo identificar os sinais utilizados pelos indígenas surdos moradores na Terra Indígena Buriti, situada no município de Dois Irmãos do Buriti, no estado de Mato Grosso do Sul (MS). Desta forma, foi realizada uma pesquisa etnográfica para o conhecimento do território da Terra Indígena Buriti, da história, da cultura e da língua do povo Terena e, por fim, a identificação e o registro dos indígenas surdos da região e seus sinais. A partir da ótica da gramática das línguas de sinais, os sinais produzidos pelos indígenas surdos, encontrados no território, foram analisados e catalogados em quadros, bem como disponibilizados QR codes que permitem a visualização em vídeo dos sinais correspondentes aos sinais indígenas, os quais intitulamos Língua Indígena de Sinais da Terra Indígena Buriti (LSTIB).

Palavras-chave: indígena surdo; língua indígena de sinais; terra indígena Buriti.

¹ Este artigo é um recorte de uma tese de doutorado defendida no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Católica Dom Bosco (UCDB) em 2023.

² Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - UFMS | Aquidauana | MS | Brasil. E-mail: bruno.nantes@ufms.br | Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-7795-8677>

³ Universidade Católica Dom Bosco (UCDB) | Campo Grande – MS | Brasil. E-mail: heitor.medeiros@ucdb.br | Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-5313-1811>

Abstract: The present article aims to identify the signs used by deaf indigenous people living in the Buriti Indigenous Land, located in the municipality of Dois Irmãos do Buriti, in the state of Mato Grosso do Sul (MS). In this way, an ethnographic research was conducted to understand the territory of the Buriti Indigenous Land, the history, culture, and language of the Terena people, and finally, to identify and record the deaf indigenous people of the region and their signs. From the perspective of sign language grammar, the signs produced by the deaf indigenous people found in the territory were analyzed and cataloged in charts, as well as QR codes made available that allow video visualization of the signs corresponding to the indigenous signs, which we titled Indigenous Sign Language of the Buriti Indigenous Land (LSTIB).

Keywords: deaf indigenous; indigenous sign language; Buriti indigenous land.

Resumen: El presente artículo tiene como objetivo identificar los signos utilizados por los indígenas sordos residentes en la Tierra Indígena Buriti, situada en el municipio de Dois Irmãos do Buriti, en el estado de Mato Grosso do Sul (MS). De esta forma, se realizó una investigación etnográfica para el conocimiento del territorio de la Tierra Indígena Buriti, de la historia, de la cultura y de la lengua del pueblo Terena y, por último, la identificación y el registro de los indígenas sordos de la región y sus signos. Desde la óptica de la gramática de las lenguas de señas, las señas producidas por los indígenas sordos, encontradas en el territorio, fueron analizadas y catalogadas en cuadros, así como se disponibilizaron códigos QR que permiten la visualización en video de las señas correspondientes a las señas indígenas, las cuales titulamos Lengua Indígena de Señas de la Tierra Indígena Buriti (LSTIB).

Palabras clave: indígena sordo; lengua de señas indígena; tierra indígena Buriti.

1 INTRODUÇÃO

Este artigo é o resultado da busca para identificação dos indígenas surdos das etnias Terena e Guarani-Kaiowá, moradores nas aldeias Olho D'água, Barreirinho e Água Azul, da Terra Indígena Buriti, situadas no município de Dois Irmãos do Buriti, no estado de Mato Grosso do Sul (MS). O objetivo principal desta pesquisa é apresentar os sinais nativos de alguns gestos indígenas sinalizados pelos próprios integrantes das comunidades.

Trata-se de um estudo etnográfico a fim de nos aprofundarmos no conhecimento do território local, da etnia do povo, das línguas, dos costumes, das histórias e das vivências dos indivíduos. Além disso, para realizarmos a identificação dos indígenas surdos e suas línguas de sinais, os quais desempenharam o papel de interlocutores desta pesquisa. Com base nesse método de investigação oriundo da antropologia, pudemos partir para a inserção nas comunidades com o trabalho de observação, estabelecendo um contato intersubjetivo com o objeto de estudo (Amaral; Natal; Viana, 2008).

Devido à pesquisa ter sido realizada durante o período da pandemia da covid-19 e em decorrência das medidas de afastamento social como prevenção da doença, nos preocupamos quanto ao andamento e aos trâmites legais para o Comitê de Ética. Contudo, nos respaldamos por meio do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e da autorização da pesquisa, ambas assinadas primeiramente pelos caciques de cada aldeia e estendidas para todos os participantes da pesquisa. Somente após as autorizações e a diminuição do contágio pela covid-19, isso dado também pela vacinação, é que prosseguimos com a pesquisa empírica no acesso às aldeias.

Segundo informações do site Terras Indígenas no Brasil (ISA, 2023), a concentração total da população na Terra Indígena Buriti é de 2.543 habitantes. O local é situado no cerrado sul-mato-grossense, no espaço que abrange dois municípios do interior do estado do Mato Grosso do Sul (MS), Sidrolândia e Dois Irmãos do Buriti.

De acordo com o relatório demográfico qualitativo geral realizado pelo Sistema de Saúde Integrado (SISAI) e pela Secretaria Especial de Saúde Indígena de Mato Grosso do Sul (SESAI/MS) de 2022, a Aldeia Olho D'Água possui 292 pessoas. Já a Aldeia Barreirinho segue com o total de 115 habitantes, divididos em 32 famílias. "Cada aldeia continua vinculada à FUNAI, mas com administração própria com sua liderança tribal, cada qual respeitando sua forma de organizar, compreendendo a cultura, o jeito de pensar e definir o princípio indígena" (Alves, 2016, p. 42).

O artigo foi estruturado em três seções; na primeira seção, abordamos um contexto geral sobre a realização do estudo; na segunda, trazemos o reconhecimento do território da Terra Indígena Buriti, e na terceira, apresentamos os registros das línguas indígenas de sinais dos indígenas surdos encontrados nas aldeias. Por fim, as considerações finais da pesquisa.

2 RECONHECENDO O TERRITÓRIO DA TERRA INDÍGENA BURITI

Durante a pesquisa de campo com as visitas nas três aldeias Água Azul, Barreirinho e Olho D'Água na Terra Indígena Buriti, conversamos com os caciques das aldeias, com o diretor de uma escola indígena e uma tradutora e intérprete de língua de sinais (TILS), além de familiares e indígenas surdos.

Encontramos ao todo cinco indígenas surdos, quatro do sexo masculino e uma do sexo feminino. Nos dados exibidos e organizados no Quadro 1, indicamos a aldeia, a etnia, o nome, a idade e a situação escolar de cada sujeito de pesquisa.

Quadro 1 - Relação dos indígenas surdo

Aldeia	Etnia	Nome	Idade	Escolaridade
Olho D'Água	Terena	Luiz	75	Sem escolaridade
Olho D'Água	Terena	Edilson	23	Ensino Médio completo
Olho D'Água	Terena	Ronaldy	16	Ensino Fundamental completo
Olho D'Água	Terena	David	10	Ensino Fundamental
Barreirinho	Guarani-Kaiowá	Mara	20	1º Ano do Ensino Médio

Fonte: Adaptado de Araujo (2023, p. 33).

Conforme as visitas nas aldeias aconteciam, pudemos ter algumas intervenções dialógicas com estes indígenas surdos, por meio da Língua Brasileira de Sinais (Libras), bem como com gestos naturais, expressões corporais e faciais, apontamentos e oralidade. Isso, a depender da desenvoltura linguística de cada um, ou seja, a fluência na língua de sinais, em Libras ou na língua de sinais emergente no contexto familiar, o que denominamos Língua Indígena de Sinais Emergentes.

Segundo Fusellier-Souza (2006), as Línguas de Sinais Emergentes (LSEMG) são línguas criadas e praticadas por indivíduos surdos em um entorno exclusivamente ouvinte, por pequenos grupos e comunidades de surdos, que normalmente vivem em áreas distantes dos grandes centros urbanos.

Por essa razão, também são chamadas de línguas de sinais rurais ou de aldeia. Essas línguas se caracterizam pelo fato de se desenvolverem em pequenas comunidades com alto índice de surdez oriunda, normalmente, de aspectos genéticos, pela necessidade de comunicação essencial entre os surdos e o seu entorno ouvinte (Chagas, 2022, p. 85).

Durante as conversas, os diálogos e as observações com os indígenas surdos, anotamos os sinais e os termos que cada um foi realizando, somando o total de 20 sinais-termos. Porém, apenas 12 sinais-termos foram registrados e identificados. A fim de organizar didaticamente as informações, utilizamos quadros, QR codes e vídeos disponibilizados no *Youtube* com a demonstração dos sinais.

Esses sinais indígenas emergentes confirmam a definição de Fusellier-Souza (2006) sobre sinais não convencionados, uma vez que são sinais produzidos nas sinalizações dos indígenas surdos durante a comunicação individual. Além disso, foram criados pela emergência comunicacional com seus familiares e parentes locais, em que contemplam a cosmovisão, a vivência, a cultura e a identidade de cada indígena surdo.

As análises foram realizadas com base nos estudos da estrutura gramatical das línguas de sinais por Stokoe (1960), nos Estados Unidos com a Língua Americana de Sinais (ASL) e no Brasil por Ferreira (2010), com a obra "*Por uma gramática de línguas de sinais*".

Desse modo, os sinais foram organizados em quadros, nos quais apresentamos detalhadamente as diferenças e proximidades dos sinais para as duas línguas: Língua Indígena de Sinais (LIS) e Língua Brasileira de Sinais (Libras). Também apresentamos os aspectos fonológicos, ou seja, a estrutura e os parâmetros da língua de sinais, tais como: Configuração de mãos (CM); Direcionalidade/orientação da palma das mãos (O); Ponto de articulação (PA); Movimento (M); Expressão facial e corporal considerados sinais não manuais (SNM).

Importante destacar que a elaboração e produção dos quadros foram baseadas no "*Minidicionário Digital da Língua de Sinais Mundukuru*", criado por Ferreira (2021). Ainda, contamos com a colaboração para as traduções escritas das palavras em Terena do professor e influenciador digital da Língua Terena, Eliel Terena, e para a elaboração dos *QR codes* para visualização em vídeo dos sinais, com a professora surda Alessandra Souza da Cruz Daniel.

3 REGISTRO DAS LÍNGUAS DE SINAIS DOS INDÍGENAS SURDOS DAS ALDEIAS OLHO D'ÁGUA, BARREIRINHO E ÁGUA AZUL DA TERRA INDÍGENA BURITI

Destacamos os sinais produzidos por três participantes da pesquisa. Seu Luiz (75 anos): *tarde, batom, carro, enxada*; Edilson (23 anos): *cama, goiaba, limão, varal, porta, janela, televisão, capacete*; e Mara (20 anos): *galinha, grávida e achocolatado*. A partir deles, elaboramos os quadros como um modelo de dicionário trilingue, destacando as escritas em Língua Portuguesa, algumas na Língua Terena e na Língua Indígena de Sinais Emergente dos indígenas surdos das aldeias Olho D'Água, Barreirinho e Água Azul, da Terra Indígena Buriti, na qual denominamos Língua de Sinais da Terra Indígena Buriti (LSTIB) e a LIBRAS. Ressaltamos que as imagens exibidas nos quadros são cedidas e autorizadas pelo próprio pesquisador, a fim de respeitar a Lei Geral de Proteção de Dados.

Apresentamos os quadros comparando as duas línguas de sinais, analisando as diferenças e as similaridades entre elas. Assim como realizou a linguista Priscilla Soares (2018) em sua pesquisa *Língua Terena de Sinais: análise descritiva inicial da língua de sinais usada pelos Terena da Terra Indígena Cachoeirinha*, na qual foi analisado linguisticamente, através dos parâmetros da língua de sinais, os sinais falados entre os terenas surdos e ouvintes no território indígena Cachoeirinha no município de Miranda no MS.

O foco da pesquisa de Soares (2018) foi com os diálogos entre os três filhos surdos da Dona Ondina, uma mãe indígena que lutou e milita até os dias atuais pelo reconhecimento da Língua Indígena de Sinais, por uma educação bilíngue e de qualidade não somente para seus filhos, mas também para todos os indígenas surdos da sua comunidade e do Brasil.

Assim, a autora comprovou que aqueles sinais eram sinais independentes da Libras e os identificou como Língua Terena de Sinais (LTS). Inclusive, a LTS, atualmente, é considerada uma língua co-oficializada por meio da Lei Municipal n. 1538, de 4 de abril de 2023, como emenda aditiva à Lei n. 1382 de 12 de abril de 2017, que dispõe sobre a co-oficialização da Língua Terena. No Município de Miranda (MS) passam a ter como línguas co-oficiais: Língua Terena, Língua Brasileira de Sinais (Libras), Língua Terena de Sinais (LTS) e a Língua Kinikinau.

É notável uma grande quantidade de sinais icônicos e classificadores produzidos pelos indígenas surdos, sinais referentes ao contexto cultural e práticas do dia a dia desses indivíduos. Esses sinais são determinados quando se reproduz a imagem do referente, isto é, a pessoa ou coisa, fazem alusão à imagem do seu significado (Brito, 1995). Conforme elucida Ferreira (2010, p. 102), os classificadores são:

[...] morfemas que existem em línguas orais e línguas de sinais. Entre as primeiras, as línguas orientais são as que mais apresentam CIs. As línguas de sinais, talvez por serem espaço-visuais, fazem uso frequente de vários tipos de CIs, explorando também morfologicamente o espaço multidimensional em que se realizam os sinais.

Esses sinais, chamados de classificadores, são realizados como se fossem desenhados no espaço visual, a forma do objeto ou das coisas que não possuem um sinal específico. É possível observar que uma gama de sinais pode retratar suas vivências cotidianas, suas cosmovisões por meio de percepções visuais. Sendo assim, para este artigo, selecionamos oito sinais-termos sinalizados pelos indígenas surdos da Terra Indígena Buriti em MS. Também encontramos similaridades entre os sinais, como ponto de articulação, orientação das palmas das mãos, movimento, diferindo-se a configuração de mão.

No sinal para a palavra *porta*, sinalizado por Edilson, há dois sinais, ou seja, um sinal composto com formato, no qual ele desenhou no espaço neutro o que corresponde a uma figura retangular e fez o sinal/verbo '*bater*' com outra configuração de mão em "S", e o movimento como que '*batendo na porta*'. O ponto de articulação

foi o mesmo em ambos os sinais LIS e LIBRAS, mas na CM a orientação da palma da mão e os movimentos foram diferentes.

Para a palavra *cama*, por exemplo, o desenho no espaço neutro, em frente ao corpo, de um quadrado, simulando o formato de uma '*cama*' e o sinal com as duas mãos unidas no rosto, inclinado lateralmente, indicando '*dormir*'. Em relação à Libras, a palavra difere na configuração de mãos, orientação da palma das mãos e no movimento.

O sinal de *goiaba* retrata a maneira como Edilson segura e como come o fruto utilizando apenas uma configuração de mão, enquanto em Libras usa-se as duas configurações de mãos, ponto de articulação, direcionalidade das palmas das mãos e movimento diferentes. Porém, Edilson retrata o fruto com uma minhoca. Para o termo *varal*, ele realiza com as duas mãos, fazendo menção à ação de pendurar uma roupa no varal. Diferencia-se da Libras devido à configuração de mão e ao movimento.

A palavra *galinha*, sinal realizado por Mara, tem um classificador que corresponde a outras espécies de aves, sendo também um sinal icônico, um sinal de '*bico*'. Analisando as diferenças com o sinal *galinha*, na Libras, temos o ponto de articulação, o movimento, a direcionalidade e a orientação da palma da mão, a configuração de mão e ambos sem expressão facial e ou corporal.

O sinal para o termo referente à *gravidez* ou a palavra *grávida*, observamos também a iconicidade, com configuração de mãos e ponto de articulação diferentes da Libras. Inicia-se encostando no corpo, na boca do estômago, e na Libras é no espaço neutro frente ao corpo.

Abaixo, dos Quadros 2 ao 9, apresentamos as informações sobre os sinais dos termos *tarde*, *carro*, *porta*, *cama*, *goiaba*, *varal*, *galinha* e *grávida*. Por fim, no Quadro 10, disponibilizamos os links dos vídeos e os códigos para acesso e visualização dos respectivos sinais listados nesta pesquisa.

Quadro 2 – Sinal indígena emergente sinalizado por Luiz (Aldeia Olho D'Água)

PALAVRA ESCRITA	LP	TARDE	
	LT	KEYAKÁXE	
LÍNGUA DE SINAIS			
LSI		LIBRAS	
			
Configuração de mãos		Configuração de mãos	
Direcionalidade / orientação da palma das mãos	Diagonalmente sentido apontando para o sol, com a palma voltada para baixo	Direcionalidade / orientação da palma das mãos	Sentido vertical trazendo para o sentido horizontal, palma das mãos contralateral e para baixo
Ponto de articulação	Na lateral do corpo	Ponto de articulação	Em frente ao corpo
Movimento	Deslocamento para cima, retilíneo	Movimento	Deslocando o braço de cima para baixo, realizando uma semiparábola, semicircular
Expressão facial e/ou corporal/ sinais não manuais	Rosto e olhos direcionados ao sol	Expressão facial e/ou corporal/sinais não manuais	Sem expressão

Fonte: Adaptado de Araujo (2023, p. 115).

Quadro 3 – Sinal indígena emergente sinalizado por Luiz (Aldeia Olho D'Água)

PALAVRA ESCRITA	LP	CARRO	
	LT	NÃO TEM	
LÍNGUA DE SINAIS			
LSI		LIBRAS	
			
Configuração de mãos		Configuração de mãos	
Direcionalidade / orientação da palma das mãos	Palma da mão voltada para fora, sentido horizontal	Direcionalidade / orientação da palma das mãos	A mão dominante estará com a palma da mão voltada para fora, frente ao corpo, e a outra mão com a palma voltada para baixo.
Ponto de articulação	No espaço neutro em frente ao corpo	Ponto de articulação	Em frente ao corpo
Movimento	Deslocamento de um lado para o outro na horizontal, semicircular	Movimento	Deslocando o braço de cima para baixo, realizando uma semiparábola, semicircular
Expressão facial e/ou corporal/ sinais não manuais	Não tem	Expressão facial e/ou corporal/sinais não manuais	Não tem

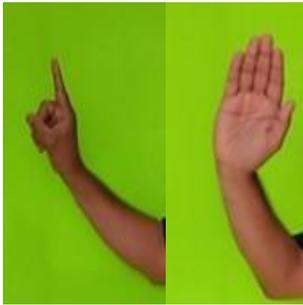
Fonte: Adaptado de Araujo (2023, p. 118).

Quadro 4 – Sinal indígena emergente sinalizado por Edilson (Aldeia Olho D'Água)

PALAVRA ESCRITA	LP	PORTA	
	LT	PAHAPÉTI	
LÍNGUA DE SINAIS			
LSI		LIBRAS	
			
Configuração de mãos		Configuração de mãos	
Direcionalidade / orientação da palma das mãos	Voltadas para baixo e depois voltada para frente	Direcionalidade / orientação da palma das mãos	Voltadas para fora adiante do corpo
Ponto de articulação	No espaço neutro frente ao corpo	Ponto de articulação	Em frente ao corpo
Movimento	Desenhando uma forma de quadrado, retilíneo	Movimento	Deslocamento para fora, semicircular
Expressão facial e/ou corporal/ sinais não manuais	Sem expressão	Expressão facial e/ou corporal/sinais não manuais	Sem expressão

Fonte: Adaptado de Araujo (2023, p. 123).

Quadro 5 – Sinal indígena emergente sinalizado por Edilson (Aldeia Olho D'Água)

PALAVRA ESCRITA	LP	CAMA	
	LT	ÍPE	
LÍNGUA DE SINAIS			
	LSI	LIBRAS	
			
Configuração de mãos		Configuração de mãos 	
Direcionalidade / orientação da palma das mãos	Palma das mãos voltadas para baixo	Direcionalidade / orientação da palma das mãos	Palmas das mãos paralelas, voltadas uma de frente para a outra
Ponto de articulação	No espaço neutro em frente ao corpo	Ponto de articulação	Na parte lateral da cabeça
Movimento	Desenhando no espaço neutro a forma de um quadrado	Movimento	Leve deslocamento para um lado
Expressão facial e/ou corporal/ sinais não manuais	Expressão de sono, fechando os olhos	Expressão facial e/ou corporal/sinais não manuais	Sem expressão de sono, fechando os olhos

Fonte: Adaptado de Araujo (2023, p. 119).

Quadro 6 – Sinal indígena emergente sinalizado por Edilson (Aldeia Olho D'Água)

PALAVRA ESCRITA	LP	GOIABA	
	LT	ARÂHA	
LÍNGUA DE SINAIS			
	LSI	LIBRAS	
			
Configuração de mãos			
Direcionalidade / orientação da palma das mãos	Palma da mão voltada para o corpo, sentido vindo reto até a boca	Direcionalidade / orientação da palma das mãos	Palmas das mãos dominante e não dominante voltadas para o corpo.
Ponto de articulação	Na boca	Ponto de articulação	Espaço neutro frente ao corpo
Movimento	Deslocamento reto em direção a boca, retilíneo	Movimento	Ziguezague, angular
Expressão facial e/ou corporal/ sinais não manuais	Sem expressão	Expressão facial e/ou corporal/sinais não manuais	Sem expressão

Fonte: Adaptado de Araujo (2023, p. 120).

Quadro 7 – Sinal indígena emergente sinalizado por Edilson – Aldeia Olho D’Água

PALAVRA ESCRITA	LP	VARAL	
	LT		
LÍNGUA DE SINAIS			
LSI		LIBRAS	
			
Configuração de mãos		Configuração de mãos	
Direcionalidade / orientação da palma das mãos	Voltadas para baixo	Direcionalidade / orientação da palma das mãos	Voltadas para baixo
Ponto de articulação	Espaço neutro em frente ao corpo	Ponto de articulação	No espaço neutro frente ao corpo
Movimento	Um semicírculo para frente	Movimento	Pinça, retilíneo
Expressão facial e/ou corporal/ sinais não manuais	Sem expressão	Expressão facial e/ou corporal/sinais não manuais	Sem expressão

Fonte: Adaptado de Araujo (2023, p. 122).

Quadro 8 – Sinal indígena emergente sinalizado por Mara (Aldeia Olho D'Água)

PALAVRA ESCRITA	LP	GALINHA	
	LT	TAPÏ'I	
LÍNGUA DE SINAIS			
LSI		LIBRAS	
			
Configuração de mãos		Configuração de mãos	
Direcionalidade / orientação da palma das mãos	Palma da mão voltada para a frente	Direcionalidade / orientação da palma das mãos	Palma da mão voltada para o lado
Ponto de articulação	No rosto, entre o nariz e a boca	Ponto de articulação	Na cabeça, próximo à testa
Movimento	Pinça	Movimento	De cima para baixo fechando a mão
Expressão facial e/ou corporal/ sinais não manuais	Sem expressão	Expressão facial e/ou corporal/sinais não manuais	Sem expressão

Fonte: Adaptado de Araujo (2023, p. 127).

Quadro 9 – Sinal indígena emergente sinalizado por Mara – Aldeia Olho D'Água

PALAVRA ESCRITA	LP	GRÁVIDA	
	LT	IHAÍKOTI	
LÍNGUA DE SINAIS			
	LSI	LIBRAS	
			
Configuração de mãos		Configuração de mãos	
Direcionalidade/ orientação da palma das mãos	Palmas das mãos inicialmente voltadas para baixo e, no final, voltadas para cima	Direcionalidade / orientação da palma das mãos	A mão dominante com a palma voltada para frente e a outra mão voltada para baixo
Ponto de articulação	Na frente do corpo, iniciando abaixo do peitoral	Ponto de articulação	No espaço neutro em frente ao corpo, na falange distal do dedo indicador
Movimento	Realizando um semicírculo	Movimento	Realizando um semicírculo
Expressão facial e/ou corporal/ sinais não manuais	Sem expressão	Expressão facial e/ou corporal/sinais não manuais	Sem expressão

Fonte: Adaptado de Araujo (2023, p. 128).

Quadro 10 – Link dos vídeos e QR codes dos sinais-termos

Link do vídeo	QR code
<u>Tarde</u>	
<u>Carro</u>	
<u>Porta</u>	
<u>Cama</u>	
<u>Goiaba</u>	
<u>Varal</u>	
<u>Galinha</u>	
<u>Grávida</u>	

Fonte: Elaboração própria.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As línguas indígenas de sinais já eram sinalizadas entre os indígenas surdos em suas aldeias e em seus territórios, isso antes mesmo do reconhecimento da Língua Brasileira de Sinais (Libras) pela Lei n. 10.436, de 24 de abril de 2002 (Brasil, 2002). Um exemplo são os registros, a princípio, do antropólogo norte-americano Kakamasu (1968), anos depois pela linguista brasileira Ferreira (2010) e pelo antropólogo Godoy (2020) entre os indígenas da etnia Ka'apor no interior do estado do Maranhão.

Durante a pesquisa de campo, pudemos observar o grande interesse dos caciques, dos familiares, dos profissionais da educação indígena sobre a importância do conhecimento. Além disso, o quão é importante a valorização e registro das línguas indígenas de sinais dos indígenas surdos de suas aldeias.

Com o levantamento e registro dos sinais-termos sinalizados pelos indígenas surdos, foi possível compreender a variedade de sinais produzidos naturalmente entre eles. A maioria dos sinais utiliza a iconicidade e os classificadores. Afirmando que eles trazem na emergência comunicacional todos os elementos/estrutura de uma língua de sinais como outra qualquer.

Na atualidade, as pesquisas sobre a educação de indígenas surdos e sobre as línguas indígenas de sinais estão em ascensão devido aos movimentos de luta pela vitalização das línguas indígenas por meio dos povos indígenas e profissionais indigenistas no Brasil. Este crescimento tem contribuído para mais visibilidade às diversidades linguísticas, bem como o respeito às suas línguas de sinais, suas identidades étnicas-surdas e suas culturas tradicionais.

REFERÊNCIAS

- ALVES, G. P. **O protagonismo da escola polo indígena terena Alexia Rosa Figueiredo, na aldeia Buriti, em Mato Grosso do Sul, no processo de retomada do território da Terra Indígena Buriti.** 2016. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Católica Dom Bosco, Campo Grande, 2016.
- AMARAL, A.; NATAL, G.; VIANA, L. Netnografia como aporte metodológico da pesquisa em comunicação digital. **Revista Comunicação Cibernética**, Porto Alegre, v. 13, n. 20, p. 34-40, dez. 2008
- ARAUJO, B. R. N. **A colonização pela Libras da língua de sinais dos indígenas surdos das aldeias Olho D'Água, Barreirinho e Água Azul, da Terra Indígena Buriti, em Mato Grosso do Sul.** 2023. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Católica Dom Bosco, Campo Grande, 2023.
- BRASIL. Presidência da República. **Lei n. 10.436, de 24 abril de 2002.** Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências. Brasília: Presidência da República, 2002. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/110436.htm. Acesso em: 02 fev. 2024.
- BRITO, L. F. **Por uma gramática de língua de sinais.** Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro/UFRJ, 1995.

CHAGAS, A. C. P. As pesquisas em línguas de sinais emergentes no mundo: descrição e análise. **SIGMA Revista Eletrônica do Instituto de Ensino Superior do Amapá**, Macapá, v. 3, n. 2, p. 83-101, jul./dez. 2022. Disponível em: <https://iesap.edu.br/ojs/index.php/sigma/article/view/50/19>. Acesso em: 02 fev. 2024.

FERREIRA, I. **Minidicionário digital da língua de sinais Munduruku**. 2021. Dissertação (Mestrado em Ensino) - Programa de Pós-Graduação Criatividade e Inovação em Metodologias de Ensino Superior do Núcleo de Inovação e Tecnologias Aplicadas a Ensino e Extensão, Universidade Federal do Pará, Belém, 2021.

FERREIRA, L. **Por uma gramática de língua de sinais**. Rio de Janeiro: Edições Tempo Brasileiro, 2010.

FUSELLIER-SOUZA, I. Emergência e desenvolvimento das línguas de sinais: de um ponto de vista semiogenético. **Sign Language Studies**, Washington, v. 7, n. 1, p. 30-56, out. 2006.

GODOY, G. **Os Ka'apor, os gestos e os sinais**. 2020. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020.

ISA. INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL. Terras Indígenas no Brasil. **Terra Indígena Buriti**. São Paulo: ISA, 2023. Disponível em: <https://terrasindigenas.org.br/pt-br/terras-indigenas/3626#demografia>. Acesso em: 15 mar. 2023.

KAKAMASU, J. Urubu Sign Language. **Internacional Journal os American Linguistics**, Chicago, n. 34, p. 275-281, 1968.

SOARES, P. A. S. **Língua terena de sinais: análise descritiva inicial da língua de sinais usada pelos terenas da Terra Indígena Cachoeirinha**. 2018. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (Unesp), Araraquara, 2018.

STOKOE, W. **Sign and culture: a reader for students of american sign language**. Silver Spring, MD: Listok Press, 1960.

Revisão gramatical por:

Bianca Einhardt Bierhals

E-mail: bianca_eb@hotmail.com